

BSP – INSPETORIA SALESIANA DE SÃO PAULO – BRASIL
COMUNIDADE DE SÃO CARLOS



Pe. Geraldo Martinelli de Souza

*15.02.1915 † 21.05.2010

Salesiano de Dom Bosco

Ao coletar e redigir estas lembranças do querido Pe. Martinelli, em nome dos SDB e Noviços de minha comunidade, agradeço a todos que cuidaram dele em seu tempo de enfermidade e, a todos que estiveram presentes no momento de sua partida e sepultamento; agradeço também àquelas pessoas que enviaram seus testemunhos.

Apoiado nesses testemunhos, pude escrever estas páginas. Sou grato às FMA, aos SSCC, aos Ex-Alunos e tantos amigos que enviaram condolências. Não posso deixar de agradecer ao Sr. Bispo Diocesano de São Carlos, Dom Paulo Sérgio Machado, que presidiu a Missa de Corpo Presente e fez um gesto muito expressivo ao pedir para que o esquife fosse colocado no pavimento, em sinal de total entrega ao Senhor. Sou grato aos demais presbíteros diocesanos e religiosos que participaram da concelebração. Deus os abençoe e lhes conceda vida longa e feliz junto daqueles que os amam. Nós cremos na Vida Eterna e um dia estaremos todos juntos com esse nosso irmão, Pe. Geraldo Martinelli.

Os últimos anos de sua vida, Pe. Geraldo passou-os já no leito, sob cuidados de enfermeiras, dos SDB e Noviços, na Comunidade Salesiana de São Carlos.

"A comunidade cerca de cuidados e afeto os irmãos idosos e doentes.(...) A comunidade ampara com mais intensa caridade e oração o irmão gravemente enfermo.(...) eles são fonte de bênçãos para a comunidade" (Constituições Salesianas, artigos 53 e 54).

Diz o Pe. Reinaldo Barbosa, SDB que tinha vindo a São Carlos para lecionar aos Noviços e foi ao Hospital visitar o Pe. Geraldo: *"Acho que fui o último padre a dar a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora ao Padre Geraldo. Pedi a Deus que ele não sofresse mais!"*

Como foi a morte de Pe. Geraldo, conta-nos o então Noviço Saulo:

--"Eram sete horas da noite de quinta-feira, dia 20 de maio, início da Novena de Nossa Senhora Auxiliadora, aqui no Noviciado Salesiano de São Carlos. A pedido do Assistente fui substituir o noviço Luiz Paulo como companheiro do Pe. Geraldo. Cheguei à Casa de Saúde, quarto número 303. "Boa noite, Pe. Geraldo! Vou ficar com o senhor, esta noite!". Não demorou muito e duas enfermeiras vieram trocar-lhe a fralda. Ajudei-as. Isso já era por volta das 19h45min. Depois me aproximei do leito e propus-lhe a récita do terço. Observei que, após a proposta, seus olhos não se desviavam de mim. Entendi isso como um sim bem grande. Antes de começar, expliquei-lhe por que rezaríamos os Mistérios Luminosos e, quem os instituiu. No momento das preces, pedi pela sua saúde e pela Novena que iniciara naquele dia. Começamos a rezar o terço, e tinha certeza de que ele rezava comigo, pois seus olhos estavam fixos em mim, sua língua se movimentava do mesmo jeito da minha. Parecia que queria falar, mas não conseguia. O movimentar da língua e o fixar dos olhos já lhe eram muito cansativos. Durante o momento de oração, nenhuma 'tossida' o distraiu. Hoje, penso que poderia estar se entregando a Maria. Completadas as ave-marias e os pais-nossos, deu-me a impressão de um sorriso. Não sei se foi mera impressão... mas que seus olhos estavam com um brilho novo, uma cor diferente, estavam. A cada vinte minutos, ele dava quatro soluços, e tossia muito. Das 22h às 2h30 foram necessárias três aspirações. Aguardei ficar até às 3h e adormeci profundamente. Às 5 horas da manhã a enfermeira entrou no quarto e ascendeu a luz. Mediu-lhe o pulso e verificou que o coração já não batia mais... Seus olhos permaneceram fechados... Os pulmões não se encheriam novamente. Padre Geraldo Martinelli morreu serenamente!"

[Testemunho de Saulo Rodrigues Antero]

DADOS BIOGRÁFICOS:

"Aleluia! Louva, minha alma, ao Senhor. Louvarei o Senhor enquanto eu viver, tocarei para meu Deus enquanto eu existir"

(Salmo 146,1-2)

Pe. Geraldo Martinelli de Souza nasceu na cidade de São Paulo, SP, aos 15 de fevereiro de 1915; era filho de Gaspar Fernandes e Florinda Martinelli.

- Fez o noviciado em Lavrinhas, de 27 de janeiro de 1932 a 29 de janeiro de 1933, quando emitiu a Primeira Profissão Religiosa Salesiana Trienal, no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, em Campinas, SP.
- Coursou Filosofia: de janeiro 1933 a dezembro 34, em Lorena.
- Tirocínio: de janeiro 35 a dezembro 37, em Cachoeira do Campo/Ouro Preto, MG.
- Coursou Teologia no Instituto Teológico Pio XI em São Paulo: (38 a 41) e fez a Profissão Perpétua em 08 de dezembro de 1938.
- Recebeu o diaconato em 20/09/41.
- Tornou-se presbítero em 08/12/1941.

Como Salesiano Presbítero, trabalhou nas seguintes casas-obras salesianas:

- Lorena, Colégio São Joaquim: de 03/02/1942 a 31/12/45
- São Paulo, Mooca-Instituto São Francisco: de 02/01/46 a 31/12/46
- São Paulo, Liceu Coração de Jesus: de 01/01/47 a 31/12/48. Nessa época ajudou e incentivou Pe. Jonas Abib (hoje, da Canção Nova) a ingressar no Aspirantado Salesiano São Manoel, em Lavrinhas, SP.
- Campinas, Externato São João: de 01/01/49 a 31/12/51.
- Porto Alegre - RS, Casa do Pequeno Operário: de 01/01/52 a 31/12/55 (na época era uma só Inspetoria do Sul do Brasil, de SP ao

RS). Pe. Carlinhos Orestes Fistarol, hoje Inspetor de Porto Alegre, RS, afirma que Pe. Geraldo trabalhou muito nesse tempo vivido na "CPO".

- Piracicaba, Colégio Dom Bosco: 01/01/56 a 31/12/60.
- São Paulo, Liceu Coração de Jesus: de 01/01/61 a 06/02/63.
- Lavrinhas, São Manoel-Aspirantado: de 07/02/63 a 06/02/66 – destacava-se na Música e no cuidado das tradicionais "Companhias" (grupos juvenis de protagonismo)
- Campinas, Externato São João: de 07/02/66 a 29/12/81. Em todos esses anos exerceu a função de Diretor da Casa/Colégio.
- Jundiaí, Cidade dos Meninos: de 30/12/81 a 01/09/85 (hoje, já não mais com os SDB).
- São Carlos, Educandário-Paróquia Na.Sra.Auxiliadora-Noviciado: de 01/09/85 a 01/02/98. Nesse período, trabalhou arduamente na construção da Igreja dedicada a Santa Edwiges, então periferia de nossa Ex-Paróquia N.Sra Auxiliadora; e, também, sempre foi muito dedicado aos coroinhas, pelos quais demonstrava especial carinho, estimulando-os ao esporte e ao estudo de instrumentos musicais; dentre esses, vários chegaram a viver a Vida Salesiana.
- Piracicaba, Aspirantado S.Domingos Sávio/Obra São Mário: de 01/02/98 a 01/02/2003, quando já precisou de mais cuidados médicos, usando cadeira de rodas e necessitando de atendimento durante 24 horas.
- Então, foi transferido para a Comunidade Salesiana de Americana, onde Pe Gilberto Pierobom era o diretor, e nossa comunidade o acolheu.
- Americana: de 01/02/2003 a 29/05/2005; nessa Comunidade ele convivia na enfermaria com o já falecido Pe Irineu Leopoldino, e assim ambos eram muito bem cuidados pelas diversas enfermeiras daquela casa. Com a morte de Pe Irineu, veio para nossa enfermaria também o Irmão Donário, que logo depois retornou para Cruzeiro; ainda acamado, ele foi transferido para a

Comunidade Salesiana de São Carlos, a fim de estar mais próximo de antigos conhecidos, amigos, ex-coroinhas e recebendo maior atenção dos noviços e muito carinho das diversas enfermeiras que, mais uma vez, merecem nossa gratidão. Deus lhes pague!

- São Carlos: de 30/05/2005 até sua morte, na madrugada de 21/05/2010.

Seu corpo foi sepultado, dia 22 de maio, no Cemiterio Nossa Senhora do Carmo, cidade de São Carlos, em jazigo dos Salesianos de Dom Bosco, que abriga os restos mortais do Pe. Pedro Gonciarz e do Irmão Coadjutor Angelino Esperidião da Luz.

LEMBRANÇAS:

"Conheci pessoalmente o Pe. Geraldo Martinelli, em 1972. Ele era o diretor do Externato São João, de Campinas, e eu estava no pós-noviciado em Lorena. Durante o meu tempo de aspirantado, tinha ouvido falar dele por colegas que foram alunos no Externato: lembravam a "ordem" e a "disciplina". Cada um tinha seu lugar marcado (com uma marca pintada no chão) no pátio para as filas e orações... Ele não usava mais a batina, mas um terno claro, com uma espécie de "clergyman". Fiquei admirado dos vasos de antúrio pelo pátio, com folhas muito limpas e nenhuma quebrada (ai! se algum aluno tocasse nas plantas!).

Em 1987 e 88, fui mestre de noviços em São Carlos e lá estava o Pe. Geraldo como vigário paroquial. Dava aula de liturgia para os noviços, e me recordo que seus boas-noites (uma vez por semana) eram muito bem preparados, com histórias edificantes (evidentemente, sempre muito além dos três minutos recomendados por Dom Bosco...). Como vigário paroquial, era

encarregado dos coroinhas (será que, em algum lugar onde ele trabalhou, não se ocupou deles?). Zeloso, atento a cada um dos meninos, tinha criado uma espécie de oratório para eles (unicamente para eles), com bons jogos de camisa, horário para jogar no campo dos noviços, sala de jogos, etc. Ocupava-se deles. Ensinava-lhes teoria musical e prática de instrumentos.

Nas missas diárias, na Paróquia N. Sra. Auxiliadora, o Pe. Geraldo sempre se encarregava de tocar órgão e entoar os cantos. Dedicou-se, com todas as suas energias (e já estava idoso), à construção da Capela de Santa Edwiges, no bairro Jardim Estela Fagá. Começou a construção pelo "coro" e, a partir dele, foi edificando a igreja inteira. Fez questão de colocar as devoções salesianas: Domíngos Sávio, ficava na Capela do SS. e, no lugar da tradicional cruz nas mãos do santo, ele colocou a "lanterna do SS.," como que indicando aos jovens a luz, que é Jesus. Fez também colocar as imagens de Dom Bosco e da Auxiliadora. A enorme imagem de Santa Edwiges residiu, por bons anos, na secretaria paroquial da paróquia N. Sra. Auxiliadora. Havia um genuflexório diante da imagem, um cartão solicitando "ajuda" para a construção da Igreja e, lógico, um cofrinho para recolher as ofertas. Com o crescimento da cidade e do bairro, a Capela de Santa Edwiges se desmembrou do território da Paróquia e se tornou sede paroquial.

Quando o noviciado de S. Carlos ficou fechado para essa atividade, o Pe. Geraldo foi enviado ao Aspirantado São Domingos Sávio, em Piracicaba, ali residindo até que sua saúde foi se tornando cada vez mais frágil e necessitando de constante acompanhamento de enfermeiras. Não podendo mais andar, foi enviado à comunidade de Americana, onde, na ocasião, eu era ecônomo. No dia de Natal, entrei na enfermaria e embora ele não falasse mais, aproximei-me e disse: Pe. Geraldo, hoje é Natal. Vim desejar-lhe um abençoado Natal, com a presença do Menino Jesus. Fiquei uns instantes ao seu lado e, quando me aproximei da porta, eu o ouvi

dizer: "Feliz Natal". Conosco permaneceu até que acharam por bem trazê-lo de volta a S. Carlos, onde foi acompanhado, durante estes últimos anos, até sua partida para a eternidade. Foi um homem trabalhador. Talvez tivesse dificuldade de trabalhar em conjunto, mas era incansável. Sabia ser agradecido por qualquer favor que lhe era feito. Dom Bosco preencheu seu coração. e a devoção à Auxiliadora fazia parte da sua vida. À mesa, falava sempre muito calmamente, sem pressa.

Contou-me várias vezes, cenas da sua infância vivida em São Paulo, na Avenida Rio Branco, perto do Liceu Coração de Jesus. Dizia-me que sempre que podia andava de "patinete" na avenida, tão calma ela se apresentava; e que um passeio que realizava com frequência, aos domingos, com sua família, era ir até à Ponte das Bandeiras, no Rio Tietê, para ver o pessoal fazendo competições de natação nas águas límpidas do rio... (só por essa descrição podemos imaginar o quanto de idade o Pe. Geraldo viveu, pois há décadas, o Rio Tietê se tornou um dos rios mais poluídos do mundo...)"

(Testemunho do Pe. Antonio Carlos Galhardo, SDB).

RETORNAR A DOM BOSCO – VALDOCCO

"Desejo ressaltar uma característica de nossos querido irmão Pe. Martinelli: a importância que dava à dimensão da alegria do sistema educativo de Dom Bosco. Lembro-me do tempo de formação, especialmente em Lorena. Ele promovia muito as sessões acadêmicas, especialmente em louvor de Nossa Senhora. E se servia muito da música. Quantas vezes não tive que esquecer um pouquinho os estudos, para ajudá-lo na preparação de peças que, depois, ensaiaria para abrilhantar alguma sessão acadêmica.

Quero lembrar o tempo em que foi Diretor do Externato São João, em Campinas: a importância que dava ao recreio e a que os meninos estivessem sempre ocupando bem o tempo de recreio. Isso ajudaria muito, depois, no cumprimento dos outros deveres, como nos ensina nosso Pai, Dom Bosco. Cada menino tinha um brinquedo do qual se servir, e o recreio lembrava o antigo oratório de Valdocco."

(Testemunho de Pe. Antonio da Silva Ferreira, SDB)

Eis o testemunho de um ex-aluno do Externato São João, de Campinas, quando Pe. Geraldo foi seu diretor: "Conheci o Pe. Geraldo quando fui aluno do Externato São João, no período entre 1974 e 1981. As principais características dele eram o rigor no trato das coisas e a busca incessante da perfeição nas realizações. Lembro de, todos os dias, ao toque do sino, respeitar o absoluto silêncio para as orações; a harmonia no ensaio dos cânticos e a limpeza nas instalações e nos alunos. Aprendi com ele o gosto pela música e posso dizer que, aos 42 anos, muitas coisas de que faço uso no meu trabalho e como pai foram ensinadas por ele. Fui instrutor das cornetas da fanfarra, a pedido dele. Incentivou-me a buscar a inovação e me encorajava, diariamente, a treinar cada vez mais.

O Externato São João foi uma escola linda: tínhamos um campo de futebol cujo gramado era motivo de orgulho; as paredes, limpas; um salão de jogos cujo piso tinha um brilho impecável, tamanha era a quantidade de cera para a manutenção daquele local! Tudo sob orientação do Pe. Geraldo. Naquele tempo, (acho que até 1977), também, todo final de ano, alguns alunos eram homenageados com certificados de honra ao mérito por comportamento, assiduidade e leitura. Todos estes certificados tinham, junto com a fita, uma medalha com a imagem de Nossa Senhora. Guardo com carinho esses certificados, pelo valor inestimável que eles representam para mim.

Lembro também que, em 1975, ele pediu, no final de ano, meu caderno como recordação. Segundo minha mãe disse, um dia, o pedido foi para ele ter uma recordação da forma como iniciava e terminava as tarefas, além de destacar minha caligrafia naquela idade. A notícia de sua saída do Externato foi, para mim, uma surpresa. Foi num domingo, ao ler uma reportagem de destaque do jornal da cidade que noticiava a substituição do Padre - Diretor.

Passados alguns anos, fiquei sabendo, por terceiros, que o Pe. Geraldo estaria no Educandário São Carlos, e um dia, quando estava naquela cidade por um outro motivo, arrisquei uma visita para tentar reencontrar o amigo. Foram duas horas de conversa e recordações. Com ele ao órgão, relembramos os cânticos que faziam parte de nossos ensaios todas as manhãs. Depois, fiquei sabendo que estava doente e, juntamente com um perueiro daquela época (Sr. Onofre), fiz uma peregrinação por Piracicaba para localizar a escola em que o Pe. Geraldo estaria. Foi uma jornada que custou toda a manhã, mas pude reencontrar o amigo pela última vez. Naquela época, já estava andando com dificuldade, mas, quanto agüentou, fez a caminhada para mostrar o local em que ele estava residindo. Depois, já cansado, na cadeira de rodas motorizada (ainda estava aprendendo), levou-me a conhecer outros locais da escola, os alunos. Finalizei, conhecendo o quarto dele. Foi uma oportunidade mágica! Estava acompanhado de meu filho (na época com 2 ou 3 anos), minha esposa e o Sr. Onofre."

(Testemunho do Sr. Paulo Hideo Furukawa - Campinas)

CORAÇÃO ORATORIANO:

"Farei referências à sua vida e ao seu amor pelo oratório, que pude testemunhar no ano de 1990 quando fazia o noviciado. Naquela época, muito me edificou o seu "coração oratoriano" e sua

devoção por Nossa Senhora. Naquele tempo, já idoso, mostrava especial carinho pelas "coisas" salesianas. Antes da missa das 19h, seus coroinhas rezavam o terço. Lembro-me de que, um dia ele ficou doente e teve que ficar vários dias no quarto que dava para o pátio interno. Uma tarde, quando seus coroinhas rezavam o terço (e como era corrido...) eu o vi na janela fazendo esforço de velho e doente para ouvir e ver os meninos rezando.

Seu coração palpitava sempre pelo oratório com seus esportes, jogos, orações e formação. Tinha um imenso esmero por sua sala de jogos. Mostrava-a com orgulho: era para seus oratorianos e seus coroinhas. Essas coisas não eram ditas por ele com palavras... eram ditas pelo olhar, pelo sorriso, pelas broncas de pai e amigo... No domingo, os "seus" coroinhas, agora todos rapazes, jogavam futebol no campo do noviciado e lá estava ele, caminhando com dificuldade, ou sentado-se num pedra... (sempre a mesma pedra), rodeado por "seus" coroinhas, então já jovens.

São imagens que ficaram em minha mente e me ajudaram naqueles tempos de noviciado a entender o que é ser salesiano. Estudando as Constituições podíamos vê-las concretizadas em atitudes e posturas de um velho homem, com suas limitações, certamente, mas que tinha transformado um projeto carismático em vida. Testemunhei à afeição que seus oratorianos e coroinhas tinham por ele ao longo de suas vidas, quando já adultos. Vejo nele um discípulo de nosso Pai. Deo Gratias!"

(Testemunho de Pe. Dilson Passos Júnior, SDB)

RETORNO AOS JOVENS:

– “Conheci o Pe. Geraldo Martinelli ao ingressar no aspirantado de Lorena (Colégio São Joaquim), em 06 de janeiro de 1945,

ocupando ele o cargo de catequista dos aspirantes. A convivência foi curta, pois, nesse ano, ele foi transferido.

Nesse pequeno espaço de tempo e também pelos contatos que se iniciaram desde então, Pe. Geraldo Martielli sempre me impressionou pelo seu modo simples de testemunhar, sem alarde, sua vocação salesiana na rotina do dia-a-dia. Salesiano tranquilo, sereno, inteiramente dedicado, e incansável no trabalho que lhe era confiado. Seu amor aos jovens se manifestava especialmente em conviver com eles na prática da "Assistência Salesiana", requerida pelo Sistema Preventivo, que previne para não ter que remediar. O Oratório Festivo, com tudo aquilo que ele é, segundo o coração de Dom Bosco, foi a grande amor de sua vida salesiana. Concluindo: para mim, o Pe. Geraldo Martinelli foi um salesiano feliz que soube fazer felizes os outros também, por identificar-se plenamente com o autêntico Salesiano Sacerdote."

(Testemunho do Bispo Dom Fernando Legal, SDB)

"Pessoalmente nunca morei na mesma casa em que ele, mas, quando eu era aspirante, em Lavrinhas, passávamos férias em Lorena e ali, percebia como ele era dinâmico e trabalhava muito bem com os oratorianos, sobretudo com os coroinhas do oratório. Ainda hoje, os sobreviventes lembram-se dele e sempre perguntavam onde ele estava. É sinal de que foi duradoura sua influência, e isto só acontece com as coisas do coração. Quer dizer: os meninos sentiam-se amados."

(Testemunho de Pe. Mario Bonatti, SDB)

"Tive o P. Martinelli como padre catequista (o antigo nome do coordenador de pastoral) por um ano, no aspirantado de Lavrinhas, em 1965. Era o tempo da renovação litúrgica do Concílio Vaticano II. O P. Martinelli, que tinha então bons 24 anos de missa, e que, portanto, tinha se formado em plena vigência do modelo tridentino,

pré-Vaticano II, esmerava-se em formar, nos aspirantes, uma plena adesão às novas orientações da Igreja. Tínhamos a Bênção do Santíssimo todos os dias, e portanto havia necessidade de um variado repertório de hinos, motetes e Tantum Ergo, sempre em latim, às vezes em gregoriano, às vezes a várias vozes. Víamos que o P. Martinelli vibrava com toda aquela riqueza do passado, mas que, ao mesmo tempo, ele se punha, de corpo e alma, a ensaiar conosco os primeiros cantos que chegavam em português.

Nesse contexto, o P. Martinelli preparava as celebrações mais importantes do ano, colocando o altar em pleno centro da igreja, para todos ficarem mais próximo do altar e, para tanto, removia todos os bancos da igreja, colocando-os em torno do altar. Não era a novidade pelo simples gosto da novidade, mas tudo era feito com muito critério e muito bem motivado, para que atingíssemos mais plenamente a participação consciente e frutuosa que a liturgia conciliar propunha. Esse mesmo esmero, ele o levou para outros lugares em que trabalhou, desenvolvendo sempre o grupo dos coroinhas, que nas mãos dele atingiu notável grau de participação.

Saindo de Lavrinhas no início de 1966, o P. Martinelli foi trabalhar no Externato São João, de Campinas, onde permaneceu por longos anos, e que conduziu com seu temperamento forte e vibrante. Eu o alcancei em 1981, quando, já padre, fui trabalhar na mesma cidade, mas na Escola Salesiana São José, onde recebíamos na ETEC, (Escola Técnica de Eletrônica e Telecomunicações), alunos que se tinham formado no Externato São João. Entre os salesianos se fazia muita piada da forma como o P. Geraldo Martinelli conduzia a disciplina no Externato. Ao término do recreio, antes de seguir para as salas de aula, os alunos se perfilavam, cada um se colocando ao lado de uma marca redonda amarela pintada no chão. Aquilo que aos outros parecia excesso de rigor, o P. Geraldo explicava, com muita naturalidade: aonde se vai, tem-se que entrar em fila, e é bom

a gente se disciplinar. Como o Externato não tinha ensino médio, o Pe. Geraldo incentivava muito seus alunos a continuar seus estudos na ETEC, apesar de saber da grande diferença de regime. E os alunos que do Externato recebíamos não se perturbavam minimamente com a mudança, e de tal forma se distinguiam no rendimento escolar que, nas reuniões de professores, quando se analisava um aluno que despontava dos demais, já alguém perguntava: "Esse também veio do Externato?!" E esses alunos, apesar de adolescentes, não passavam a desdenhar da formação recebida no Externato, pelo contrário, guardavam muita gratidão e alegria."

(Testemunho de Pe. Ailton Antonio dos Santos, SDB)

"Falando no Pe. Geraldo, até mesmo como um relato da minha vivência com ele, recorro-me do meu noviciado no ano de 1992. Assim que começamos o noviciado, fui o encarregado de colocar, todos os dias, ao meio-dia, a Ave-Maria, que tocava no som da torre da igreja. Era sempre um breve momento em que conversávamos um pouco. Mas o que marcou a amizade do Pe. Geraldo, era ver o carinho que os coroinhas tinham por ele e ainda os ex-coroinhas que, nos finais de semana, jogavam no campo do noviciado. Via o Pe. Geraldo sempre sorrindo no meio deles e sendo sempre aquela marca tão salesiana de um discípulo de Dom Bosco no meio da juventude. E também os "boa-noites" que ele nos dava, marcados pelo sorriso de um padre feliz, acompanhados da musicalidade (até mesmo com duas colheres, ele sabia ritmar uma canção bem interpretada). Creio que hoje ele cumpre a estreia do Reitor-Mor "Queremos ver Jesus" – e, dessa forma, ele contempla o carinho de Deus que sempre se fez presente no seu coração."

(Testemunho de Pe. Silvio Cesar da Silva, SDB)

"Todos da comunidade salesiana de Cruzeiro tiveram a oportunidade de, em algum momento da vida, conviver com o P. Geraldo, seja nos momentos em que exercia, com alegria e entusiasmo contagiante, seu sacerdócio e consagração, quanto nos momentos de sua enfermidade. Ele tão entusiasta no convite vocacional aos jovens e tão devoto de N. Sra., seja também, agora, junto a ela, nosso intercessor, por muitas e santas vocações."

(Testemunho de Pe. Marcos Sérgio da Silva, SDB)

"Quando menino, minha família era muito pobre, mas, mesmo assim, minha mãe me colocou para estudar num colégio de religiosas e lá eu encontrei Dom Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora.

No colégio, as irmãs precisavam de um padre para educar os meninos e para que pudesse celebrar, pelo menos, uma santa Missa por semana. Logo conseguiram um sacerdote salesiano, Geraldo Martinelli.

Eu, ainda menino, ficava admirado com o jeito dele, com o entusiasmo com que ele celebrava a Missa. Depois da celebração e do lanche, o padre fazia a catequese para nós, contava-nos histórias, trazia aqueles filmes de 8 e 16 mm e nos ensinava músicas. Promovia um verdadeiro oratório. Ele vinha todas as quintas-feiras e queria que nós tivéssemos um campo de futebol. Conseguiu convencer as irmãs e elas se desfizeram da horta, que tinham, para fazer um campo para os meninos. As irmãs viram em mim sinais de vocação ao sacerdócio. Elas e o padre Geraldo prepararam tudo para o meu ingresso no ginásio e chamaram meu pai. Na verdade, não eram só as irmãs, era Dom Bosco passando à frente"

(Testemunho de Mons. Jonas Abib – da Canção Nova)

O SALESIANO CONFESSOR:

Testemunho de Antonio Rodrigues da Silva, Salesiano Cooperador, de Piracicaba:

"Ao saber do passamento do Pe. Geraldo, tive um misto de tristeza e de alegria. Triste, pois é sempre entristecedora a despedida. Alegre pela certeza de que o céu se abriu para receber meu querido amigo e irmão em Dom Bosco. Da historinha abaixo faço a ele a minha modesta homenagem póstuma.

A Confissão sempre foi para mim uma necessidade; todavia, um ato quase que automático. Ia até o Padre, pedia que me ouvisse, contava os pecados de que me lembrava, rezava o Ato de Contrição, recebia a absolvição, fazia a penitência e voltava para casa.

Naquele dia foi diferente de todos os outros. O Confessor era o Padre Geraldo Martinelli. Como das outras vezes o fizera com outros Confessores, abordei-o, pedindo para confessar-me, ao que ele me perguntou: Está preparado? Ao que eu respondi: Acho que estou. E ele: Volte outra hora.

Surpreso perguntei-lhe o motivo pelo qual me "despachara" sem ouvir minha confissão. E ele, calmamente: "acho que estou" é muito vago. Você está ou não está preparado? A Confissão é um Sacramento; logo, coisa séria. Foi muito recomendado, quase exigido, por Dom Bosco de seus jovens.

Eu sei que é sério, respondi.

E ele: Pois por isso mesmo, deve estar realmente preparado. Volte para casa, procure fazer um exame de consciência, sem pressa. Depois venha, e eu o ouvirei.

Meio contrariado, voltei para casa. Estava decidido a procurar outro Padre, mas, refletindo comigo mesmo, resolvi voltar ao Pe. Geraldo. Ele, todo alegre, olhou bem para mim e exclamou: Já sei! Veio confessar. Ao que eu confirmei: Sim!

Disse ele: Fez o exame de consciência? Sim Padre, respondi. Que bom! Dissé ele. Então, vamos lá, confesse seus pecados. E eu os confessei, um por um, e ele me ouviu com a maior das atenções. Quando terminei, ele me olhou, atentamente, e perguntou: Está arrependido de tê-los cometido? Sim, Padre, estou. E ele continuou olhando fixamente para mim, até que eu lhe perguntei: Então, não vai absolver-me? E ele: Ainda não. Estou esperando que faça o propósito. E eu, que nunca, antes, tivera um diálogo tão profundo com o Confessor, tratei de enumerar alguns propósitos para cada um dos pecados cometidos, ao que o P. Geraldo me voltou a surpreender: Não, filho, apenas um propósito. Como lhe disse no começo da nossa "prosa", não tenha pressa; um propósito de cada vez. Irá melhorar aos poucos; só não espere muito tempo para voltar ao Confessor. E não demorei mesmo; desde então, confesso-me regularmente e, a cada absolvição, parece que ouço a voz do bom Pe. Geraldo: "vá em paz, filho. Se morrer, agora, vai direto para o céu". E eu acredito que é assim mesmo. Para o céu, onde acredito que ele já chegou, onde um dia quero voltar a vê-lo.

Saudades, Padre Geraldo!"

CONCLUINDO:

"A lembrança dos irmãos falecidos une na caridade que não passa os que ainda são peregrinos aos que já repousam em Cristo (Const. Sal. art.54). A fé em Cristo Ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação. (...) Unidos em intercâmbio de bens espirituais, oferecemos por eles, com gratidão, os sufrágios prescritos. Sua lembrança é estímulo para continuarmos, com fidelidade, nossa missão" (Const. Sal. art. 94).

Que nosso querido irmão, Pe. Geraldo Martinelli de Souza, e todos os féis defuntos descansem em paz. Amém. E todos vocês rezem por nossa Comunidade Salesiana de São Carlos, com seus SDB, com seus Noviços, com seus Educadores, Funcionários e com todos os adolescentes e jovens que esta Casa de Dom Bosco acolhe e também com o Povo de Deus que frequenta nossa Igreja dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora.

Fraternalmente, em Cristo Ressuscitado,
Pe Gilberto Luiz Pierobom – diretor e mestre.